



A valsa com o diabo: Lúcifer e a estrutura patriarcal do cristianismo versus a bruxaria na segunda temporada de “O mundo sombrio de Sabrina”

The mephisto waltz: Lucifer and the structure of Christian patriarchy against witchcraft on the second season of “the chilling adventures of Sabrina”.

Yasmim Pereira Yonekura¹

Resumo: Focando na segunda temporada de “O Mundo Sombrio de Sabrina” (Aguirre-Sacasa, Netflix, 2018-2019), esse artigo analisa como a segunda temporada do referido seriado lida com a figura de Lúcifer em relação à mitologia cristã, pensando na patriarcalidade institucionalizada da mesma e nas relações de gênero e poder presentes na série. Foca-se também na forma como os Spellman e seus aliados se opõem ao Senhor das Trevas.

Palavras chave; Cristianismo. Satanás. Lúcifer. Bruxaria. Sabrina.

Abstract: Focusing on the second season of the show “The Chilling Adventure of Sabrina” (Aguirre-Sacasa, Netflix, 2018-2019), this paper analyzes how this season deals with the character of Lucifer. It also focuses on how the show explores the institutionalized patriarchal view of Christianity and its relations to gender and power. In addition, there will be an analysis on how the Spellman family and their allies oppose to the Lord of Darkness.

Keywords; Christianity. Satan. Lucifer. Witchcraft. Sabrina.

1.0 A estrutura patriarcal do cristianismo e a figura de Lúcifer em “O Mundo Sombrio de Sabrina”

Entender a estrutura patriarcal e seu diálogo com a religiosidade e mitologia cristã é fundamental para entendermos muitos dos mecanismos de dominação do atual sistema capitalista contemporâneo, pautado na dominação de corpos femininos, sejam estes cis ou trans. No texto “Patriarchy and Women’s Subordination: A Theoretical Analysis” (2011), a pesquisadora Abeda Sultana estabelece uma definição geral e algumas características funcionais do patriarcado: “(...) a manifestação e institucionalização da dominação masculina (...)”, pautada através do “poder, dominação, hierarquia, e competição. (...)” (p. 3, 2011). Ela também utiliza as ideias de Friederich Engels (1884), pautando a opressão feminina a partir da origem da propriedade privada, um dos elementos de institucionalização do patriarcado.

Diferentes religiões do mundo trazem a materialização da dominação patriarcal através das interpretações de suas mitologias e das práticas de seus devotos. Para analisar “O Mundo Sombrio de Sabrina” (2018-2019), iremos analisar o cristianismo, pensando nesse como estruturante do patriarcado ocidental e explorando como os criadores da série retratam a figura de Lúcifer dentro do enredo da segunda temporada.

No livro *Changing Horizons: Explorations in Feminist Interpretation* (2013) argumenta-se que “As Escrituras Hebraicas e Cristãs se originaram em sociedades patriarcais e

¹ Licenciada plena em Letras Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Para. Mestra em Estudos Linguísticos e Literários do Programa em Pós Graduação em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda no referido Programa e na referida Universidade. Servidora Técnico-Administrativa Educacional no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

perpetuaram as tradições androcêntricas (centradas no homem) destas culturas." (FIORENZA, 2013, p.25). Servindo como base para práticas religiosas seculares, esses manuscritos carregam fortes traços de um patriarcado arcaico. Ilustrando essa perspectiva, a história de Lilith serve como epítome da posição da mulher:

O alfabeto de Ben Sira revela um possível raciocínio por trás dos dois relatos "diferentes" da criação em Gênesis; um relato (Gênesis 1: 26-28) detalha a criação simultânea de Deus do homem e da mulher, enquanto um relato posterior (Gênesis 2: 18-24) fala da criação de Eva a partir da costela de Adão. O relato anterior causa muita controvérsia nos tradicionais escritos judeus; quem era essa criatura criada igual a Adão? Quem foi a primeira esposa de Adão? Ben Sira responde a estas perguntas com o seguinte conto. Ao visitar o filho doente do rei Nabucodonosor, Ben Sira foi convidado a curá-lo ou enfrentar a morte. Em uma tentativa de evitar a morte com sua inabalável sabedoria, o estudioso conta a história dos anjos da medicina, Snsvi, Snsvi e Smnglof e a conexão deles com Lilith. Depois que Deus criou Adão e Lilith, seguiu-se uma briga entre o casal porque ela não "deitaria embaixo" de Adão durante a relação sexual. Lilith questionou a própria natureza da relação desde que ela e Adão foram criados iguais a partir da mesma substância, a terra. Depois que Adão denunciou a igualdade de Lilith com ele, ela proferiu o "Nome Inefável" de Deus e voou, partindo do Éden. (CARVALHO, 2009, p. 25-26)

Posteriormente, em Isaias 34:14-15, é registrado que Lilith se tornou uma figura demoníaca que assombra a humanidade (CARVALHO, 2009, p. 26). A figura de Lilith também aparece na série *The Chilling Adventures of Sabrina*, em direta relação com Lúcifer, sendo sua companheira. É importante refletir na relação na forma como a punição de Lilith e a queda de Lúcifer se diferenciam e mostram como, mesmo na proscricção e subversão, a estrutura patriarcal do cristianismo se mantém intacta.

Assim, enquanto Lilith é uma figura apócrifa cuja história é exógena ao cânone, por exemplo, do catolicismo e do evangelismo, Lúcifer – como anjo caído ou estrela da manhã – tem sua história amplamente conhecida e divulgada. Várias partes da Bíblia trazem a descrição de Lúcifer e sua queda, com destaque a Isaias 14:12-15 (descrevendo Lúcifer como a "estrela caída" e "derrubador de nações"), Ezequiel 28:17-18 (narrando a corrupção de Lúcifer pelo orgulho) e Apocalipse 12:7-9 (descrevendo a luta entre os anjos e Lúcifer e seu exército, no qual o anjo caído transforma-se em um grande dragão). Outros versículos minoritários narram a presença do sempre antagonista do Deus onipresente, tentando desvirtuar os planos celestes de acordo com seus próprios interesses. Kersey Graves (1924) no livro antológico *The Biography of Satan* chega a comparar Jesus e Satanás como figuras dialéticas e equivalentes.

Isaias chama sua Majestade Real de "Lúcifer, filho da manhã" (Isaias xiv: 12), ou como alguns tradutores preferem, (...) Estrela da Manhã. Então Lúcifer era "Filho da Estrela da Manhã". Bem, agora, marque a evidência. No Rev. xxii: 16, lê-se: "Eu, Jesus, sou a estrela brilhante do dia." Então, a diferença que existe entre Lúcifer e Jesus é a mesma que existe entre a Estrela da Manhã e a Estrela do Dia que, segundo a astronomia de Bailey, e segundo o livro "A Astronomia dos Antigos", de Dupois, é nenhuma. Eles são a mesma estrela. E essa identidade compartilhada de Cristo e Lúcifer, bem como a razoabilidade de designar cada estrela, é mais aparente quando lembra-se que ambos foram considerados fontes de luz. (GRAVES, 1924, p. 49)

As similaridades apontadas por Graves entre figuras supostamente tão opostas reafirma o lugar de Lúcifer como uma figura necessária dentro da base patriarcal da religião hebraico-cristã. De tal forma, Lúcifer é posto na mitologia, tanto hebraica como cristã, como figura masculina opositora legítima do Deus onisciente, onipotente e onipresente. Essa oposição válida seu oponente e também estabelece que qualquer projeto político oposto ao de Deus será, também, liderado por uma figura masculina, obliterando a possibilidade da oposição fora do domínio da patriarcalidade (como se percebe com a figura de Lilith).

2.0 *The Mephisto Waltz: Lúcifer, a Igreja da Noite e a oposição feminina na segunda temporada de The Chilling Adventures of Sabrina (Aguirre-Sacasa, 2019)*

Na trama de *The Chilling Adventures of Sabrina* (Aguirre-Sacasa/Netflix, 2018-2019), as bruxas e magos, que vivem entre os humanos, cultuam Lúcifer de forma institucionalmente parecida a tradição hebraico-cristã através da Igreja da Noite. A protagonista e sua família, os Spellman, seguem este *coven* e cultuam o Senhor das Trevas. São liderados por patriarcas masculinos, que respondem a uma entidade maior de Igrejas da Noite, liderada pelo Anti-Papa. De forma similar a Igreja Católica e as igrejas evangélicas, o culto a Lúcifer, na série, tem seus próprios padrões de institucionalização e de liturgias que a protagonista, Sabrina, constantemente desafia. Enquanto metade humana e metade bruxa, Sabrina causa tensões ao longo da primeira temporada por causa da sua condição de mestiça. Na segunda temporada, Sabrina começa a problematizar cada vez mais as barreiras de gênero que ela discorda e, apesar de ter entregado sua alma ao Senhor das Trevas, fica mais evidente como ela discorda de um destino imutável nas mãos de Lúcifer.

O enredo leva Sabrina a descobrir-se mais poderosa do qualquer bruxa, o que intensifica sua crença na própria capacidade de mudar o que ela discorda dentro da Igreja da Noite. A relação entre a bruxa mestiça e Lúcifer é tensa, pois o Senhor das Trevas está constantemente colocando-a em situações de desafio para provar a inevitabilidade da própria força e tentar conter os ímpetos rebeldes de Sabrina. Atuando como uma figura de reafirmação do poder patriarcal tanto quanto o Deus hebraico-cristão, Lúcifer também exerce controle e dominação na relação com Lilith. Na trama, Lúcifer e Lilith se unem após a queda de ambos e passam a eternidade sendo opositores de Deus, mas Lilith é claramente uma figura subalterna a autoridade masculina de Lúcifer.



Imagem 1 – Encenação da peça “A paixão de Lúcifer Morningstar”, no qual a relação entre Lilith e Lúcifer é recontada (Aguirre-Sacasa/Netflix, 2019)

Durante ambas as temporadas Lúcifer é claramente desenhado como uma figura que não gosta de ser contestada e que reforça a subalternidade das mulheres. Na segunda temporada, Lilith (possuindo o corpo de Mary Wardwell, professora de Sabrina) envolve-se romanticamente com um homem. Isso a leva a afastar-se do Senhor das Trevas e de seus planos inexoráveis para Sabrina. De tal forma, Lúcifer assassina o homem e serve-o para que Lilith o coma, em um jantar, lembrando-a de que ela o pertence.



Imagem 2 – Lilith e Adam Masters, médico e noivo, da professora Wardwell. (Aguirre-Sacasa/Netflix, 2019)

Assim, reafirmando o próprio poder através da brutalidade em diversos momentos, o Senhor das Trevas causa uma oposição nas personagens femininas, principalmente, através de Sabrina e suas tias, que se juntam para contê-lo. O final da temporada é o que leva isto a seu ápice. Esses elos de oposição se juntam no momento da descoberta de que Sabrina é, na verdade, filha e a companheira profetizada para reinar ao lado de Lúcifer no momento que este retoma a terra. Assim, além de a própria Sabrina se opor a este destino, suas tias, amigos próximos e Lilith decidem apoiá-la na luta contra Lúcifer. Os planos de Lúcifer são congruentes ao do líder da Igreja da Noite, Father Blackwood, que tem planos de fazer uma contrarreforma para submeter as bruxas a obediência aos magos e concretizar seu arcabouço de ideários retrógrados na Igreja da Noite.



Imagem 3 – Mural antigo encontrado por Sabrina que lhe revela seu destino enquanto consorte escolhida por Lúcifer (Aguirre-Sacasa/Netflix, 2019)

No último episódio, Sabrina articula-se e monta um plano para derrotar Lúcifer: Aprisionar o Senhor das Trevas num cubo especial criado por seu pai, o mago Edward Spellman. Fingindo, condescendência com os planos de Lúcifer, Sabrina vai a um baile onde ambos seriam apresentados como casal das trevas para tomar a humanidade do Deus cristão.



Imagem 4 – Sabrina e Lúcifer como casal para reinar e trazer a destruição dos planos do Deus Cristão (Aguirre-Sacasa/Neflix, 2019)

O plano de Sabrina falha, pois o cubo não é suficiente para conter Lúcifer. Contudo, o namorado de Sabrina (Nicholas “Nick” Scratch) deduz que o feitiço de contenção é realizável, mas o invólucro tem que ser outro: Ao invés de um cubo, é o corpo humano a prisão capaz de conter o Senhor das Trevas e impedir a realização de seus planos. Assim, Nicholas sacrifica-se e oferece o seu corpo como prisão para Lúcifer. Essa nova opção funciona e a temporada termina com a coroação de Lilith como nova Senhora das Trevas e a condução de Nicholas/Lúcifer de volta ao inferno.

Assim, a segunda temporada de Sabrina encerra-se trazendo uma perspectiva anti-patriarcal e contra hegemônica da mitologia judaico-cristã. Lúcifer não é mostrado como um salvador ou uma entidade idealizada que automaticamente incorpora todas as qualidades positivas ausentes no Deus cristão e em seus asseclas. Ao contrário, a visão de Aguirre-Sacasa coloca Lúcifer como diametralmente oposto em termos de luta pelo poder, mas reproduzindo muitas das estruturas de opressão e subalternização de seu principal opositor. A proposta da segunda temporada da série é a construção de uma nova via independente dos polos extremos das divindades masculinas. Após a derrocada de Lúcifer e a ascensão de Lilith, Zelda assume como Alta Sacerdotisa da nova Igreja da Noite, disposta a desfazer o projeto conservador de Blackwood. Em um diálogo, Zelda assume que, com a derrota do Senhor das Trevas, as bruxas e magos agora servirão a Lilith. Assim, com uma nova perspectiva pós-masculina, assume-se que provavelmente as estruturas institucionais de opressão de gênero serão desfeitas e um novo (e desconhecido) tempo para as criaturas das trevas está para começar.



Imagens 5 e 6 – Acima: Lilith coroa-se rainha das trevas. Abaixo: Lilith conduz Nicholas/Lúcifer de volta ao inferno. (Aguirre-Sacasa/Netflix, 2019).

3.0 Réquiem para Lúcifer: Palavras finais sobre reinterpretações de uma figura onipresente.

Apesar da polêmica afirmação de Graves (1924), da similaridade compartilhada e dialética entre Jesus e Lúcifer, precisar de um debate mais cuidadoso, a segunda temporada de *The Chilling Adventures of Sabrina* oferece uma interessante nova perspectiva para a figura do grande antagonista judaico-cristão. Historicamente, Lúcifer vem assumindo um papel de antagonista e opositor com forte conotação política em alguns momentos (WILLIAMS, 2004). Na atual conjuntura de ascensão de um discurso feminista em várias narrativas do audiovisual de massa, como no caso das séries e filmes produzidos pelos *streamings* mais populares, Lúcifer reaparece novamente. Dessa vez, não é julgado em suas atitudes de oposição, mas julgado a partir de sua corporeidade e iconografia masculinas que precisam ser questionadas. A questão deixa de ser a forma de poder em si, mas porque este poder religioso se materializa em extremos opostos masculinos. Assim, além do debate de gênero, a segunda temporada de *The Chilling Adventures of Sabrina* traz questões igualmente importantes para manutenção de formas injustas de poder, como a questão racial, através, principalmente da personagem de Prudence Blackwood/Night.

Então, apesar de destoar da forma como vemos Lúcifer, abordando-o sob o prisma de gênero (principalmente na sua relação com Lilith), a série nos traz de volta a figura do Senhor das Trevas e sua onipresença, como um ponto de reflexão da humanidade, não mais como vilão, mas como centro de tensão que evidencia estruturas que precisam ser superadas.

Bibliografia

- A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.
- CARVALHO, D. **Woman Has Two Faces: Re-Examining Eve and Lilith in Jewish Feminist Thought**. 2009. Master Thesis (Master of Arts) - Student, [S. l.], 2009.
- FIORINZA, E. S. **Changing Horizons: Explorations in Feminist Interpretation**. EUA: [s. n.], Fevereiro, 2013 2013. 264 p.
- GRAVES, K. **The Biography of Satan**. [S. l.: s. n.], 1924.
- SULTANA, A. Patriarchy and Women's Subordination: A Theoretical Analysis. The Arts Faculty Journal, Bangladesh, p. 1-18, 2010-2011.
- THE CHILLING Adventures of Sabrina. Direção: Roberto Aguirre-Sacasa. Produção: Craig Forrest, Ryan Lindenberg, Matthew Barry. EUA: Netflix, 2018-2019. Streaming.
- WILLIAMS, E. **Speak of the Devil: a brief look at the history and origins of iconography of the devil from antiquity to the Renaissance**. 2004. Master Thesis (Masters. Art History.) - Student, [S. l.], 2004.

Aceito em 06/11/2019